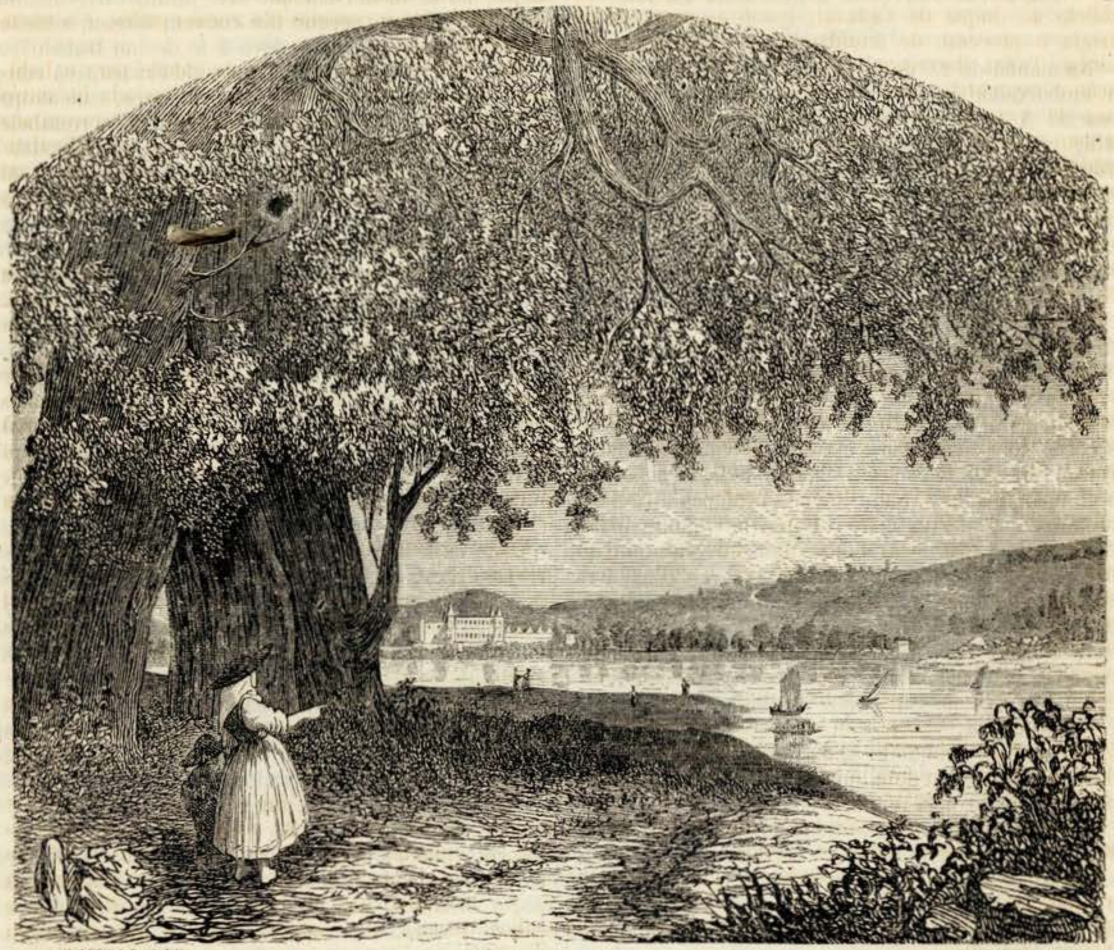


A Pedra Salgada — Desenho de Nogueira da Silva

Na margem esquerda do Douro, a uns cinco kilometros do Porto, ha um sitio de tanta amenidade e de tão formosas vistas, que os habitantes da cidade invicta frequentemente o demandam para logar de seus jantares ou merendas campestres.

Figurae uma pequena elevação de terreno descendo para o rio com mui curto e suave declive. Na parte mais alta, que é plana, collocae tres arvores, tres carvalhos, se nos não falha a memoria, mas tão gigantescos e frondosos como quem tem por sua toda aquella collina, e suas tambem as frescas aguas do Douro. Tapetae de relva e de outras plantas mimosas todo esse terreno, onde o sol do meio dia penetra apenas para imprimir na relva, com brincados desenhos de luz, o gracioso recôrtado da folhagem dos carvalhos.

Povoae as collinas da margem de além de arvoredo, que se banha no rio, ou que se eleva como em throno, e de casas a alvejar por entre a espessura dos bosques, ou dominando prados vecejantes.

Lá no extremo da margem, para o lado da cidade, fantasiae um soberbo palacio todo de pedraria coberta de esculpturas, e flanqueado por quatro esbeltos torreões, erguendo-se com senhoril aspecto do meio de vastos jardins sobranceiros ao rio, e defendidos das cheias por muralhas acastelladas.

Entre as duas margens fazei correr um rio de corrente arrebatada, mas de aguas tão cristallinas no verão, e de superficie tão lisa, que n'elle se retratam com minuciosa exactidão, como em espelho, todos os objectos que o cercam.

Animae o rio com barcos de fórmas variadas, continuamente a sulcal-o, e animae os barcos com homens ou mulheres, que os vão mareando, sempre a fallar, a rir ou a cantar.

Figurae tudo isto na vossa imaginação, e fareis uma idéa approximada do sitio da *Pedra Salgada*, e do *palacio da quinta do Freixo*. Approximada, dizemos, porque, apesar do valioso auxilio da nossa gravura, ficará muito áquem das bellezas reaes d'aquella encantadora paizagem,

Uma quinta, cujo muro e porta se vêem por detraz das tres arvores colossaes, dá o nome ao sitio, que hoje faz alguma differença do que era, quando o desditoso barão de Forrester, no tempo do cerco do Porto, ou pouco depois, desenhou e lithographou a vista de que é copia a gravura junta. Ao presente estão duas mesas com assentos de pedra entre os tres carvalhos, e por fóra d'elles corre um muro baixo, em meia laranja, fazendo varanda áquella sala improvisada de festins campestres.

Da magnifica residencia do Freixo contâmos tratar em occasião mais opportuna.

I. de Vilhena Barbosa.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 142)

Na manhã de 23 de janeiro Pedro Vieira foi visitar o embaixadòr inglez, e com elle teve larga conferencia. Á noite esteve Saint-Romain com a rainha. Alli, na presença de ambos, protestou o conde da Torre que o inglèz não trazia novas ordens do rei de Inglaterra, o que levára Pedro Vieira a declarar-lhe, que nada se trataria sem a França, respondendo o embaixador que desejaria fallar ao infante, e se retiraria se persistissem em tal resolução.

O conselho que se reuniu n'essa mesma noite decidiu que o infante respondesse logo ao cumprimento da mediação, mas que tomasse tempo para resolver ácerca da paz.

No dia seguinte, 24 de tarde [1], veiu o embaixador á audiencia. Fallou inglez e entregou memorias. De accôrdo com Schomberg e Gravier, poucas horas depois d'esta audiencia, entregou o abbade ao infante uma nova memoria. Saint-Romain acompanhava-a com protestos de que desejára sempre ao infante toda a casta de gloria e de grandeza; mas advertia-o de que por todo o mundo eram sabidas as diversas palavras que elle dera por escripto ao rei christianissimo, de guardar fielmente o tratado de alliança feito e ratificado entre a França e Portugal; e de que toda a Europa havia olhos n'elle para ver como procedia n'esta conjunctura, e julgar o que d'elle havia a esperar. Eis a memoria:

«Senhor:—Sei que V. A. declarou, que queria guardar a fé do tratado de alliança, e as palavras que dera a este respeito a el-rei meu amo, não só como principe, mas tambem como cavalheiro; e ainda que eu esteja bem persuadido que V. A. cumprirá cuidadosamente resolução tão generosa e tão conveniente á opinião, justamente concebida, da grandeza da sua coragem, sou obrigado, para cumprir tambem o meu dever, n'uma occasião tão importante como esta, a supplicar, como o faço, que na primeira audiencia que se der ao embaixador de Inglaterra, V. A. lhe declare claramente, segundo a obrigação do tratado de liga, que nada quer fazer sem consentimento da França, nem entrar em nenhuma negociação, com elle embaixador, tocante ás condições da paz de Portugal, em quanto as respostas sobre os poderes do rei christianissimo meu amo, e os do rei de Castella para se tratar tambem das condições da páz de França, não cheguem; a fim de que estas duas transacções, como foi accordado no tratado de liga, se adiantem e concluam ao mesmo tempo e por um unico tratado. Se se procedesse d'outro modo, dar-se-hia logar aos castelhanos esperarem uma paz particular, e esta esperança os impediria de enviarem depressa os seus poderes para tratarem com a França, e retardaria a paz commum. E el-rei meu amo teria tanto maior objecto de queixa e de offensa d'esta impaciencia e d'esta falta, quanto a espera é de poucas semanas, e não tem nenhum inconveniente para Portugal. El-rei christianissimo rejeitou como uma offensa a proposta que os Estados de Flandres lhe fizeram de uma negociação particular, sem este reino; e se os castelhanos offerecem hoje aqui, pela primeira vez, condições de paz honrosas, foi a firmeza del-rei meu amo em guardar a alliança, e a forte e viva guerra que S. M. lhes fez em pessoa o anno passado, e a que lhes prepara para a campanha proxima, que os forçou a isso. Pois ha vinte e sete annos que a Castella recusa a paz aos portuguezes, com a altivez que todo o mundo tem visto, não seria honroso recebel-a hoje com precipitação, no momento em que este inimigo irreconciliavel lh'a offerece porque lhe convem fazel-a, sem ter toda a attenção que se deve á fé de um tratado solemne, feito com tal rei como o de França, e á constante e generosa amizade dos francezes, unicos que de todo o mundo tem ajudado Portugal a restabelecer-se, pelos auxilios directos que lhe tem dado, e poderosas diversões que tem feito das forças dos inimigos. Esta espera é tambem necessaria para saber com verdade, antes de se comprometterem a alguma coisa, quaes são hoje as intenções do rei da Gran-Bretanha ácerca de um negocio, cujas consequencias Portugal tem tanto interesse em considerar maduramente. A fim de que esta espera seja a mais curta que ser possa, supplico a V. A. se digne ordenar que se dê sem demora despacho ao doutor Duarte Ribeiro de Macedo, que com este objecto destina para França, a fim de que elle se embarque sem demora na fragata franceza, que só isto espera para dar á vela, e que por muitas razões não se póde por mais tempo demorar. Em Lisboa 24 de janeiro 1668.»

No dia 25 foi Saint-Romain advertido pelos amigos, que de tarde haveria conselho para resolver o que se responderia ao conde de Sandwich. Isto suscitou na activissima diligencia do enviado francez mais uma occasião para nova memoria ao infante, propondo-se entregar-lh'a antes que elle entrasse no conselho. Dizia ella:

«Senhor:—Hontem, ao sair da audiencia de V. A., alguem do conselho me pareceu ser de opinião, que V. A. podia, sem esperar os poderes de França e de Castella, ouvir o embaixador de Inglaterra, e entrar em negociação com elle na minha presença, sobre a paz de Portugal.

«Pois que ainda não ha aqui poderes del-rei meu amo, nem do de Castella, para tratar ao mesmo tempo, e adiantar, de commum accordo, a paz de França e a de Portugal; e o embaixador de Inglaterra declarou não querer tratar da França; declaro aqui, que V. A. é obrigado pelo tratado a não tratar nem ouvir coisa alguma ácerca da paz de Portugal, sem que se hajam recebido de todos os lados as ordens necessarias para tratar ao mesmo tempo a da França. V. A. e todo o conselho se convencerão d'este dever, e d'esta obrigação estricta, com a simples leitura do 7.º artigo do tratado de liga, de que junto copia, a fim de que V. A. o faça ver e examinar no conselho. El-rei meu amo o tem executado pontualmente da sua parte, e deixou de ouvir os Estados-Geraes mal testimunharam a S. M., que não queriam procurar a paz de Portugal, da mesma fórma que a da França. Peço tambem respeitosamente, que V. A. ordene que o artigo seja egualmente executado pela sua parte.

«Sou ainda obrigado, senhor, a declarar a V. A., que estes ministros de Inglaterra não parecem sufficientemente auctorisados para um negocio d'esta consequencia. Não tem nem carta de crença, nem poder, que não seja do tempo em que el-rei seu amo tinha guerra com a França. Um e outro ministro foi mandado retirar ha muitos mezes, coisa que é constante e publica; e este chamamento é sem duvida uma revogação de todas as ordens e poderes precedentes. Tambem parece por todo o seu procedimento, que as instrucções que trazem são feitas em Madrid e não em Londres! Nada dizem que convenha ao estado actual dos negocios de Inglaterra: tudo é accommodado á urgencia e necessidade presente de Castella.

«El-rei seu amo offereceu a sua mediação a el-rei christianissimo, e S. M. acceitou-a com a condição de se procurar a paz de Portugal conjunctamente com

[1] Errou a *Gazette de France* de 1668, n. 30, pag. 273, tomando a data da chegada do embaixador a Lisboa, pela da audiencia que lhe deu o principe. Com a Gazetta errou o *Quadro elementar*, vol. XVIII, pag. 97. A audiencia de recepção do conde de Sandwich foi no dia 24.

a da França; mas estes ministros, contra a delicadeza do accordo de seu amo, e contra o dever de um mediador acceito, declaram que só querem procurar a paz de Portugal para o separarem da França! O soberano inglez trata em Londres uma liga offensiva e defensiva com a França: os seus ministros querem levantar aqui todo o mundo contra ella!

«O proceder de taes ministros não parece menos de castelhanos a respeito de Portugal. Não podem dizer que el-rei seu amo seja menos amigo del-rei de Portugal, nem que, com seu conselho, concertaram o tempo e os meios de fazer esta paz com Castella. É pelo povo e por um levantamento de todo o reino que pretende forçar a isso o actual governo. E será isto, senhor, procedimento de amigo, que possa ser ordenado pelo rei de Inglaterra? S. M. B. não só é um grande principe, mas um honrado varão, e por isso não approvará de certo um proceder tão estranho e inaudito, até agora, na pessoa de ministros de um mediador.

«Supplico a V. A. que reflexione n'isto, e particularmente nos actos d'estes ministros por entre este povo, e conhecerá logo d'onde elles vem, e quem os inspira.

«No entretanto, senhor, supplico ainda a V. A., que faça despachar quanto antes Duarte Ribeiro, a fim de que o navio parta, e el-rei christianissimo seja informado do que se passa, e tambem do procedimento d'estes ministros, e faça suas justas queixas a el-rei de Inglaterra. Supplico mais a V. A. que dê ordem para que se me communiquem as memorias que o embaixador inglez entregou hontem, assim como a resolução de V. A. ácerca d'este negocio, a fim de que eu possa dar conta d'isso a el-rei meu amo. De Lisboa 25 de janeiro 1668.»

Munido d'este documento, Saint-Romain apresentou-se no paço na tarde do dia 25. Alli encontrou os conselheiros de estado. Como o conselho não se reuniu, aproveitou a occasião de mostrar a todos o papel que levava, fallando-lhes vehementemente dos inconvenientes e consequencias desastrosas a que Portugal se expunha se não guardasse a alliança franceza.

No dia 26 de manhã é que se celebrou conselho. Uma ou duas horas antes que o infante n'elle entrasse apresentou-se-lhe o abbade. Entregou-lhe a memoria escripta na vespera, e já de tantos conhecida, repetindo e commentando de viva voz as considerações que n'ella fazia.

— Torno a fallar sobre a paz (dizia Saint-Romain ao principe), porque é de tamanha consequencia para a gloria de V. A. no começo da sua regencia, e para o bem do estado, que V. A. se não enfadará em ouvir-me, ou ler os meus papeis a tal respeito. Propõem a um joven principe de vinte annos, que acaba de dar grandes esperanças da sua coragem, que rompa a fé publica de um tratado solemne, e falte á palavra que tantas vezes deu a el-rei de França, por intermedio da mais digna princeza d'este mundo, e isto para fazerem uma paz vergonhosa sem urgencia nem necessidade! E quem ousa fazer esta proposta? Dois ministros de Inglaterra, ambos revocados por el-rei seu amo, e ganhos pelo oiro de Castella! Fazem-no assim porque esta paz particular é absolutamente necessaria á Hespanha, que seria constrangida, se não a obtivesse presentemente, a fazer uma paz commum, a que mal póde resolver-se, porque assim estabeleceria para sempre a dignidade e segurança do rei de França e do reino de Portugal, coisa que, sobre todas, os hespanhoes desejam evitar. Os ministros inglezes, para persuadirem a V. A. uma paz tão indigna, dizem que el-rei de França é principe esforçado de sua pessoa, que tem mais ambição e majores planos que Cesar, e reune não sei quantos milhares de soldados; ao passo que el-rei de Castella é um menor, tem pouca gente de guerra e pouco dinheiro. Quem julgará esta razão boa e propria para persuadir V. A. a offender el-rei christianissimo, preferindo á sua amizade a do rei de Hespanha? Eu sei que alguns portuguezes dizem que o reino de Portugal está exhauto, e o povo deseja a paz ardentemente; mas a paz commum que eu proponho é remedio certo e perpetuo para inconvenientes, e infallivel se quizerem recusar presentemente a paz particular. Não se póde duvidar d'isto, porque a Hespanha não obra livremente, mas sim pela necessidade conhecida de todo o mundo, e cada vez maior. O povo póde por toda a parte e sempre desejar a paz, mas só ao principe toca julgar como e quando convem fazel-a. Grandes experiencias acabam de mostrar que este povo é moderado e facil de governar. Se ha no estado necessidades, V. A. póde regular e proporcionar a despeza da guerra aos meios que tem, e se em fim mandar a França representar as suas faltas, asseguro que el-rei meu amo o assistirá com prazer, e lhe dará toda a casta de satisfação. Concluo repetindo a V. A. que até agora nada se me tem participado do que o embaixador de Inglaterra tem dito, nem das memorias que tem apresentado. Rogo portanto a V. A. se digne ordenar que tudo me seja communicado, como é obrigação imposta pelo tratado.

Não contente com esta queixa e desabafo, Saint-Romain, pouco depois de deixar o principe, teve ainda occasião de fazer novas e amargas queixas ao secretario de estado, pelo segredo que lhe guardavam, notando a precipitação com que elle conduzia este negocio. O embaixador de Inglaterra chegára a 22; na manhã de 23 fôra o secretario visital-o; a 24 deu-lhe o principe audiencia, contra o costume do paiz, que nunca a dava sem passarem tres dias de comprimento; a 25 projectou-se por tal motivo um conselho de estado, no dia 26 ia haver esse conselho! Se em logar do enviado francez velar tivesse descançado em Pedro Vieira, confiado na obrigação de que nada adiantariam sem o seu accordo, teria visto o negocio deliberado e resolvido no conselho, sem que o agente da França fosse ouvido!

Logo que o conselho começou, Saint-Romain dirigiu-se ao convento da Esperança. Ahi communicou á rainha o cuidado e desconfiança em que estava, com o que a deixou vivamente impressionada. Nada tinha a desejar nas intenções da rainha, que pela causa da França fazia quanto podia; mas no logar e estado em que era, viu que ella não ousava, não podia actuar tão efficazmente como quizera.

No dia 27 abriu-se a assembléa dos Tres-Estados. Reconheceram o infante herdeiro do reino. Muitos esperavam vel-o dentro em poucos dias proclamado rei. Havia entretanto quem não estivesse de accordo.

À noite, n'esse mesmo dia, expedia o secretario de estado ao enviado francez a seguinte carta, ácerca do que na vespera se passára no conselho:

«A occupação do dia de hoje me não deu logar de ir buscar a V. S., e lhe dar conta de como S. A., mandando ver no conselho de estado a carta de crença do embaixador de Inglaterra, resolveu que era bastante para poder ser admittido sem embargo da data ser de fevereiro do anno 1666; e de como mandou tambem ler um papel que o mesmo embaixador lhe offereceu a favor dos accommodamentos entre estes reinos e os de Castella, e se leram juntamente os papeis de V. S.

«E porque S. A. fica considerando o que mandará responder a elles, e ao embaixador, e é servido que n'esta materia se não faça coisa alguma de que V. S. não tenha inteira noticia, faço a V. S. este aviso. — Deus guarde a V. S. muitos annos. Do Paço a 27 de janeiro 1668. Muito obrigado servidor de V. S., P. Vieira da Silva.»

Na manhã de 28 apresentou-se Saint-Romain a com-

primentar o infante pelo juramento que na vespera lhe tinham prestado em cortes, acrescentando que cedo esperava poder fazer-lhe outro comprimento por motivo mui necessario para fortificar a sua auctoridade, e o socego interior do reino. Desejava (dizia o francez) que os juramentos fossem firmes e eternos, e que o principe ensinasse ao povo, com o exemplo, a guardar fielmente a fé e a palavra.

D. Pedro escutou-o prazenteiro. Um sorriso benigno respondeu ao comprimento. Entretanto alguns dos principaes personagens da sua casa, e particularmente o conde da Torre, estranharam ao abbade a contínua desconfiança em que persistia. Asseguravam que o principe não faltaria ao que fosse da sua honra, a qual queria manter como cavalheiro. D'aqui, não tratar nada sem virem respostas de França. As demonstrações publicas de quererem a paz, eram (diziam elles) por causa do povo e dos Tres-Estados.

— Effectivamente (repetia o abbade ao conde da Torre) é como cavalheiro que o infante está obrigado a desempenhar a palavra, que a rainha por elle deu a el-rei de França.

— E S. A. não faltará a esse dever (replicava o conde), nem a nenhum: tranquillisae sobre isso o vosso espirito.

Saint-Romain entretanto parecia não ver de todos os lados senão objectos de temor e desconfiança. Os seus receios eram fundados. De dia para dia differiam a partida de Duarte Ribeiro. Antes d'ella procuravam ouvir as propostas de Hespanha. Para obviar a essa demora argumentava o abbade que a commissão de Macedo só tinha por fim convidar Luiz XIV a enviar a Lisboa plenos poderes para a negociação, e assegurar-lhe que sem elles virem nada se trataria. O governo porém permanecia rebuçado ou indifferente a estas rasões.

No conselho de estado, dois ou tres membros dos mais consideraveis, pelo seu particular interesse, pareciam mui inclinados á paz: os outros, pelo temor do povo, não ousavam emittir livremente opinião. O secretario de estado tinha muita auctoridade por causa da sua longa experiencia: desejava a paz com ardor, e dava cuidados ao partido francez, que tambem desconfiava da força e firmeza do principe, que podia quer no povo, quer nas cortes, achar sempre pretexto, ou motivo, para faltar aos tratados. Por mais que lh'o representassem, não havia vel-o empregar diligencias para encaminhar o povo e as cortes de modo a inspirar confiança aos francezes.

N'esta situação Saint-Romain pedia com instancia á sua corte que nomeasse os plenipotenciarios, e fizesse partir um quanto antes, inda que não acreditava que de Castella viessem a Lisboa poderes para se tratar com a França. Aterrava-o a idéa de que o fim dos hespanhoes n'esta negociação fosse podêrem servir-se contra a França, na campanha seguinte, das tropas que tinham nas fronteiras de Portugal.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES.

UM CASAMENTO NA CHINA

Devemos ao nosso amigo e collaborador Carlos José Caldeira a estampa que orna a seguinte pagina, gravada em Paris para a obra do sr. D. Sinibaldo de Mas, escriptor hespanhol bem conhecido em Portugal, intitulada: *La Chine et les Puissances chrétiennes.* [1]

N'este importante tratado de tudo quanto respeita ao grande imperio, ha um capitulo mui glorioso para Portugal. É o que se refere ás nossas missões na China. Em agradecimento ao auctor, havemos de traduzir para este semanario parte d'esse capitulo, com alguns addimentos que hão de completar o quadro dos serviços que os portuguezes prestaram á christandade e á civilisação n'aquelle imperio.

Por hoje só nos limitaremos á extractar o que o sr. D. Sinibaldo escreve, como testimunha ocular, a respeito dos usos e costumes que os chins observavam na celebração dos casamentos, quanto baste para intelligencia da gravura que reproduzimos, por meio do *cliché* com que elle presenteou o seu e nosso amigo, o sr. C. J. Caldeira.

Os paes, as mães, e, na falta d'elles, os avós ou os parentes mais proximos da linha paterna, e depois d'estes os da materna, gozam na China de absoluta auctoridade para contratar o casamento de seus descendentes.

É commum entre os chins ricos ou de jerarchia ajustarem o casamento dos filhos antes d'elles chegarem á edade nubil; e até, não poucas vezes, antes de nascerem. Dois amigos, que desejem aparentar-se, promettem casar reciprocamente os filhos que lhes nascerem, e a ceremonia que sancciona esta promessa consiste em cortarem ambos um pedaço da cabaia ou túnica, guardando cada qual este signal.

Os casamentos ajustam-se por via de corretoras ou casamenteiras, muito consideradas na China. Tambem ha casamenteiros, mas não são tão procurados. Os que tem o mesmo nome de familia não podem contrahir matrimonio. Ora como na China não ha mais que uma centena de nomes differentes, esta lei impede incrivelmente as allianças matrimoniaes. A razão por que um homem e uma mulher que tem o mesmo nome não podem casar na China, é porque a tradição diz que este imperio colossal foi fundado por uma colonia de cem familias vindas do nordeste; pelo que todos os descendentes d'estas familias se consideram parentes.

Digâmos agora como se contratam e celebram entre elles os casamentos.

As casamenteiras, depois de se informarem das qualidades e teres das pessoas cujo matrimonio promovem, vão dar conta de tudo aos chefes das duas familias, e de commum accórdo estipulam as condições do contracto. A mais importante é, como cá na Europa, a que diz respeito á somma que o noivo deve dar ao pae da noiva, porque lá a mulher não leva dote para o poder do marido. A quantia estipulada recebe-a a casamenteira para empregar nas despezas do enxoval e mais gastos do noivado.

Logo que se assignam as escripturas, a desposada muda de penteado, e dá-se parte aos amigos da familia, que mandam todos uma prenda á noiva. D'estes presentes se faz uma relação, para se darem eguaes quando haja algum casamento na familia de quem se receberam.

Desde o dia em que se annuncia o ajuste do casamento, a noiva começa vida nova; não apparece a ninguem; não sáe de casa, e se por grande necessidade é obrigada a sair, vae de cadeirinha hermeticamente fechada.

As corretoras, além de tratarem dos ajustes dos casamentos, tambem tiram horóscopos para saber se ha mau agoiro no dia do nascimento dos noivos, se não ha incompatibilidade de genios, e em summa, se se póde esperar uma feliz união. Egualmente se tira horóscopo para saber se o dia em que ha de celebrar-se o matrimonio é ou não infausto. A escolha d'este dia pertence á familia da noiva. Na vespera cortam-lhe o cabello para lhe alargar a testa, e vestem-na com todas as galas do noivado; todos os parentes e amigos intimos são convidados a jantar, estando ella na cabeceira da mesa. Este banquete é a despedida da sua familia.

Desde os esponsaes até ao dia do casamento, as familias dos contrahentes visitam-se todos os dias,

[1] Paris, librairie de L. Hachette, 1862, 2 vol.



Um casamento na China

mas os noivos nunca apparecem; podem unicamente corresponder-se por cartas ou recados que lhes levam os parentes ou as casamenteiras. Estas procuram dilatar quanto podem o dia da boda, para especularem com as difficuldades da correspondencia.

Na China não ha dias nem estações designadas para os casamentos; mas preferem a primavera, e quasi sempre se recebem de noite; comtudo tambem se casam de dia, e muitas vezes de madrugada.

Além da somma que dissemos pagar o noivo ao pae de noiva, tambem nas vesperas do casamento lhe faz alguns presentes, segundo as suas posses; ordinariamente constam de adereços, sedas, pratas, frutas, doces, etc.

Chegado o dia da boda, o noivo manda um dos seus parentes com uma cadeirinha doirada (ordinariamente de aluguer) a casa da sua futura esposa, que está já vestida e enfeitada, tendo na cabeça uma especie de coroa de metal e muitas flores. Assim que chega a cadeirinha, todos os parentes desatam a chorar, quer queiram quer não, porque assim está em uso. A noiva faz outro tanto, e foge para o seu quarto como quem não quer sair de casa. Os irmãos partem atraz d'ella, e trazem-na á força para dentro da cadeirinha, que fecham á chave, e a dão ao parente que veiu acompanhando a cadeirinha, para que a entregue ao marido.

Aqui é que começa a procissão tal como figura a nossa estampa. Vão adiante as bandeiras, depois homens com lanternas, bandas de musica, muito rapazio disparando petardos, deitando bombas e outros fogos de artificio; grande quantidade de moços com malas e bahús onde váe o enxoval e os moveis da noiva, sem exceptuar, muitas vezes, os utensilios da cozinha. No coice d'esta procissão váe a cadeirinha que leva a noiva, rodeada das casamenteiras.

Chegando o prestito a casa do noivo, vem elle á porta receber a chave para abrir a cadeirinha e dar a mão a sua esposa. Alguns porém, em logar de a virem esperar, mettem-se a um canto da casa, e só á força de rogos ou de empuxões é que os parentes os levam á porta da rua, onde a noiva está á espera que o amuado lhe venha abrir a cadeirinha.

Quando sáe vem coberta com um véo que lhe tapa a cara. O marido leva-a pela mão até á sala dos seus antepassados, onde estão escriptos, em grandes quadros, os nomes e titulos dos avós, e n'algumas casas os seus retratos. Os conjuges então prostram-se perante elles, e a mesma genuflexão fazem aos paes do marido. Lêem-se depois aos nubentes as maximas moraes, ou regra dos bem casados, tiradas das obras dos seus philosophos.

Acabada a leitura, dão-lhes dois copos de licor, atados com um cordão de seda encarnada; a noiva levanta o véo para beber, e é então que o marido lhe vê a cara pela primeira vez; por signal que muitas vezes ficam embaçados! Todos os convidados, parentes e amigos, assistem de pé a esta ceremonia.

Segue-se o banquete, em mesas separadas. A noiva preside á das damas, e o noivo á dos homens. Ha sempre musica estrepitosa.

No fim do jantar é a noiva apresentada na sala dos homens, percorrendo-a graciosamente, agradecendo os comprimentos que lhe fazem. É sempre acompanhada por duas casamenteiras, que vão notando a todos as suas bellezas e a pequenez dos pés.

Durante o dia, os amigos que não poderam assistir ás ceremonias do casamento, e todos os visinhos, vem comprimentar os noivos; e as casamenteiras não cessam de gabar a noiva, e de lhe fazer mostrar os pés (que chamam sempre *lyrios de oiro*) a todos os que chegam para que os admirem.

Alguns escriptores modernos, fallando d'este acto da ceremonia dos casamentos na China, asseveram que as visitas, quando lhes mostram as noivas, costumam discorrer livremente sobre a perfeição ou imperfeição do nariz, dos olhos, da bocca, dos pés, e da figura, sendo ellas obrigadas a soffrer com paciencia todas estas *massadas* sem dizer palavra, nem se retirarem. Mas eu posso affirmar, que nunca ouvi dizer a nenhuma noiva coisa que lhe fosse desagradavel; e estou persuadido que taes atrevimentos, como os que acima referi, são de pura invenção.

De ordinario a boda dura tres dias, durante os quaes os parentes e visinhos vem fazer os seus comprimentos aos noivos. Bem longos devem estes dias parecer á pobre da noiva que, affrontada pelas roupas de gala, e mais ainda pelo peso da coroa, tem de estar quasi sempre de pé, e em exposição como um objecto de curiosidade. Algumas vi eu que mettiam dó, por já não poderem comsigo.

Um dia, passando com alguns amigos por certa rua, ouvimos grande musicata, e muita gente á porta. Disseram-nos que era um noivado; subimos; comprimentámos as pessoas que nos vieram receber, e pedimos licença para ver a noiva. Immediatamente nos mandaram entrar, e nos trouxeram chá e um cachimbo. Como era uma familia pouco abastada, tinha sobre a mesa uma bandeja onde todas as visitas deitavam algum dinheiro para a noiva. Cada um de nós, á saida, deitou uma pataca hespanhola, e nos despedimos dos donos da casa, que até se mostraram muito satisfeitos da nossa curiosidade de estrangeiros.

Findo o triduo d'estas ceremonias, a noiva começa a sua vida domestica, que é quasi uma reclusão para toda a vida. Mas antes d'isto váe pagar a visita a todos os parentes.

Como na China ha certos dias propicios para os casamentos, os europeus aproveitam essa occasião para verem as damas chinezas de certa ordem.

AS DOZE PEROLAS DO COLLAR

LENDA DAS ESCHOLAS CHINEZAS

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

Entre as innumeraveis ruas da cidade denominada Kin-ling *(Collina de Oiro)*, esplendida povoação do imperio celeste, que os europeus conheciam pelo nome de Nan-king (residencia imperial do sul), ha uma das mais estreitas, mais extensas e menos frequentadas, a que chamam estrada das perpetuas aquaticas (Narcisos).

Segue esta sem interrupção, desde a grande praça do Merecimento (collegio imperial) até á porta do Dragão Fulminante. Assim se chama a nona das treze portas revestidas de chapas de ferro, que interrompem o muro de circumferencia da cidade, dando passagem para o exterior.

As casinholas que orlam, a grande distancia umas das outras, a rua dos Narcisos, são cobertas de colmo, á similhança das mais pobres choupanas. Uma latada dupla de bambús liga-as umas ás outras, e serve de defesa aos jardins e pomares respectivos. Como porém são raros os transitantes, este reparo tornar-se-hia quasi inutil, se não passasse todos os dias um bando de rapazes, que em horas certas se reuniam n'uma casa a meio da rua, casa que tinha muito melhor apparencia do que as suas visinhas. Possuia um nome pomposo, consagrado pelo uso, e que podia ler-se, em bellos e grandes caracteres, na bandeira de seda que fluctuava no tope de um comprido mastro, que se elevava diante da entrada principal da habitação. A inscripção dizia: *É este o palacio de estudo;* o que significa em phrase vulgar: Aqui

está uma eschola publica. Mais abaixo lia-se tambem: *Yang, talento em flor* (o que queria dizer: o sr. Carneiro, bacharel em letras, denominado *Tching-Ming*, luz perfeita) ensina a ler e escrever a rapazes, pelo preço annual de uma enfiada de mil peças de cobre (1$500 rs., pouco mais ou menos).

A eschola do bacharel Yang gozava de grande fama entre as familias pobres do bairro, e contava um consideravel numero de discipulos. Por isso, em determinadas horas do dia a rua dos Narcisos, habitualmente deserta e silenciosa, tornava-se de repente extraordinariamente ruidosa; e vinha a ser quando, terminada a hora dos trabalhos escholares, o bando de aves palreiras, Deus sabe com que difficuldade contidas em silencio pelo bacharel Yang, reassumia a sua liberdade.

Debalde o mestre lhes repetia todos os dias á hora da saida o artigo seguinte do capitulo undecimo do regulamento das escholas: — «Os estudantes devem recolher para casa immediatamente, sem se demorarem pelo caminho, nem se gruparem para jogos.» Apenas lhes abriam a gaiola, immediatamente aquelles estorninhos se esqueciam das sábias recommendações do mestre. O grito de liberdade, partindo rapido e estridente como um alarma de guerra, espalhava o terror e a perturbação nos socegados habitantes das visinhanças. Ao grito agudo e prolongado que partia de centenares de bocas infantis, via-se por cima das latadas, ás janellas ou ás portas, olhares vigilantes de sentinella. Realmente a hora de saida da eschola era fatal para os pomares e hortas proximas. Ai do proprietario que não vigiasse activamente os seus dominios; destroço haveria por certo nos terrenos d'aquelle que se esquecesse de estar com o olho á espreita, o ouvido á escuta e o bambú na mão, prestes a colher em flagrante o ratoneiro.

Cuidado com a pereira cuja flor branca e pura reflecte a luz como a lua em noites serenas; cuidado com o arbusto que produz o chá inspirador dos versos harmoniosos; cuidado com a amendoeira que remoça com a influencia benefica das chuvas da primavera. Se algum ou alguns d'aquelles ladinos garotos chegam a saltar a sebe do pomar, nada haverá que se lhes opponha, nada que elles respeitem. Nem a daphne de perfume enebriante, nem o argenteo lotus dos jardins, nem o mussenda cujos botões similham diamantes. Serão calcadas sem dó aos pés as campanulas azuladas, as alzêas de vaporosas tintas, e as peonias, que roubam o seu aroma ao ceo, e cujo nome traduz ao mesmo tempo elegancia e riqueza; peonias a que chamam escada de oiro, pavilhão verde, leão azul scintillante, e genio dourado. Nem o brilho nem o perfume lhes servem de salvaguarda, se no jardim invadido os devastadores implacaveis descobriram, n'um sitio qualquer, o pecegueiro de saborosos fructos, ou o *yo-li*, que suspende de seus ramos a ameixa querida dos golosos, e que estes denominaram balão de seda bordado.

Por isso tambem havia terror panico todos os dias á mesma hora em casa dos habitantes da rua das Perpetuas Aquaticas. Apesar da vigilancia activa, sempre algum guerrilha conseguia escorregar por entre as latadas, e então, verdes ou maduros, adeus fructos. E era duplicadamente para lamentar este roubo, porque, para chegarem aos fructos, quasi sempre os velhaquetes dos rapazes pizavam as flores.

Voltemos a mestre Yang, denominado a *luz perfeita*. A sua habitação, como já se disse, tinha melhor apparencia do que as visinhas. Brilhavam no telhado, ao sol, as telhas brancas e envernizadas, signal distinctivo de casa onde se desfructa uma certa commodidade. Uns *stores* de palha de arroz finamente trançada, pintada de verde, e tendo como ornato umas phœnix alargando a doirada plumagem no meio das chammas, substituiam nas janellas ao rez do chão, e nas do andar superior, a esteira ordinaria que a gente pobre costuma pendurar na unica abertura por onde a claridade penetra nas suas habitações. Segundo as prescripções do livro dos ritos, a porta principal apresenta exteriormente uma entrada triplice, dividida por duas columnas de madeira cinzelada, erguidas a distancias eguaes. Tinha por conseguinte mestre Yang a entrada central, que era a mais honrosa, por onde elle só passava, e por onde ia receber e acompanhar os visitantes a quem queria prestar homenagem. A criada, as pessoas ordinarias e os garotos dos estudantes sabiam já que só podiam entrar por uma das divisões lateraes. Como era de uso em casa dos mais ricos habitantes da cidade, tambem havia em casa do bacharel Yang uma sala especial denominada: *sala das flores*, parlatorio onde eram admittidos os estranhos, e no interior o reducto sagrado: *sala dos antepassados*. Esta sala é o templo da familia. O chefe deve todos os dias, ao levantar da cama, entrar n'este quarto para queimar um pouco de incenso diante de um painel onde estão os nomes de seus avós. Nenhum, qualquer que seja a sua profissão ou edade, póde ser considerado isempto d'esta piedosa obrigação; os mais pobres mesmo, cuja sala unica serve ao mesmo tempo de alojamento para as pessoas e de curral para o gado, costumam, por mais pequena que seja a sua choça, resguardar um cantinho onde tributem honras á memoria de seus parentes defunctos. E quando a miseria é tal que não deixa mesmo comprar o bocadinho de incenso que o uso determina, um bocado de papel limpo, uma palhinha queimada diante do santo quadro, satisfazem á piedade, e indicam veneração. Este culto dos avoengos, cuja origem se perde na mais remota antiguidade, era natural que nascesse n'um povo que disse: Fazer mal é esquecer-se dos seus parentes.

Na manhã de um d'aquelles dias que os chinezes chamam *Tsieü-ling*, e por meio dos quaes dividem o anno em vinte e quatro peridos de quinze dias, um estrangeiro veiu bater á porta de Yang, muito antes da hora marcada para a abertura regular da aula. Tinha a cabeça descoberta e rapada á navalha, e os pés sem sandalhas. Trazia em punho um bordão de madeira branca, e ao cinto uma marmita de ferro suspensa por uma cadeia do mesmo metal. Pelo feitio da tunica, e pelas insignias que a acompanhavam, reconheceu o professor o *habito da lei*. O visitador matutino era sem duvida um d'aquelles frades adoradores de Budha, que andam por toda a parte implorando da caridade publica a subsistencia dos seus irmãos do convento.

Apenas lhe abriram a porta, o mendicante budhaico entestou pela entrada principal, sem cumprir as civilidades do costume. Este modo de proceder n'um estranho só podia contribuir para que o bacharel formasse má opinião a seu respeito; porque Yang, luz perfeita, tornava-se principalmente notavel pela religiosa attenção com que procedia para com todos conforme os ritos e ceremonias do uso.

O mendigo, que se tinha anticipado um pouco, deteve-se para esperar pelo mestre, que se apressára a fechar a porta, a fim de introduzir immediatamente o incivil discipulo de Budha na sala das flores.

— Supponho, disse-lhe o religioso mendicante, que não formaes a melhor opinião a respeito do meu modo de entrar nas casas alheias; provavelmente dizeis comvosco: «Eis-ahi um homem que não tem civilidade alguma.»

— Meu piedoso irmão mais velho, replicou mestre Yang, quando uma pessoa qualquer se não comporta commigo segundo as regras da boa razão, antes de me precipitar em condemnal-o, examino-me primeiro, e acho-me tão cheio de imperfeições, que não me

considero com direito de notar as faltas que os outros possam commetter. Esta lei do exame proprio é determinada nos nossos livros classicos, porque está escripto: «Varrei a neve que obstrue a entrada da vossa porta, em vez de olhardes para a geada alvacenta que cobre o telhado do vosso visinho.

O bonzo fez um gesto de approvação, e continuando a andar adiante, entrou na sala das flores.

Sem esperar que o convidassem, sentou-se no logar de respeito, e principiou a expor ao mestre-eschola as necessidades do convento, e o fim d'aquella visita. Em quanto invocava a caridade de Yang, clamava violentamente contra a avareza dos homens. O bacharel, que se dera pressa em preparar e servir ao seu hospede a chavana de chá que se deve offerecer a qualquer visita, amiga ou desconhecida que seja, pediu ao bonzo que lhe dissesse a quantas portas tinha batido, e quantas repulsas soffrêra no seu peditorio de manhã.

— Bati a tres portas, e é a vossa a unica que se abriu, respondeu o frade budhaico; mas, continuou elle, será provavelmente sem proveito para o meu convento; porque é de crer que n'esta casa conte terceira repulsa.

Yang não replicou coisa alguma, mas foi tirar de um cofre uma barrasinha de oiro, cortou tres parcellas eguaes do mesmo metal, pesou-as, tornou-as a pesar, para ficar bem certo de que tinham todas o mesmo valor, e tendo-as em seguida posto diante do seu hospede, disse-lhe:

— Não amaldiçoeis ninguem, meu piedoso irmão mais velho, e não torneis a dizer que as tres casas a que batestes se vos cerraram sem vos entregarem a esmola que esperaveis; aqui está a minha offerta e as dos meus dois visinhos.

O extraordinario mendicante repetiu o signal de approvação, e sem dirigir uma só palavra de agradecimento ao generoso hospitaleiro, atirou com os tres pedacinhos de oiro para a marmita da lei (panella de ferro dos religiosos budhaicos). Passado um momento de silencio, o bonzo proseguiu:

— Esperaveis, tenho essa certeza, um signal do meu reconhecimento pela vossa triplice offerta, e o meu silencio espanta-vos, não é assim?



Koala ou urso de bolso

— De modo algum, replicou o mestre-eschola, não me deveis agradecimento nenhum. Não está tambem escripto: «Dar é restituir, ser caridoso é pagar uma divida? O que dá esmola hoje recebeu hontem favor de outro; recebendo com uma das mãos contrahe-se o dever de restituir com a outra, e em toda a parte o pobre é credor do rico.» É a lei que o diz, como tambem a lei diz, para que as obras sejam conformes ao texto do livro: «O que o pincel do homem escreveu no livro da lei é palavra morta e nada mais; porém o que o Senhor dos ceos escreveu no coração dos homens é a palavra viva.»

O mendigo, olhando com interesse para quem fallava com tanta modestia e sabedoria, ao mesmo tempo que se comportava com tanta singeleza e generosidade, ia para lhe dirigir algumas palavras de elogio; mas deteve-se repentinamente, e continuou no seu papel de censor. Estranhou a apparencia da casa, em demasia sumptuosa, o apuro da mobilia, que entretanto era extremamente singela, e condemnou a côr dos papeis da sala. Dirigiu a vista para o lado do jardim, e nem a ordem, nem a symetria, nem o desenho das ruas, nem a escolha das flores mereceram a sua approvação. O mestre-eschola, cuja paciencia não se perdia, contentou-se com responder a todas estas criticas:

— Esta côr de papel era a predilecta de minha mãe; meu pae gostava de cultivar estas flores. O jardim foi desenhado segundo o plano do que pertenceu outr'ora á casa onde nasci. Não foi por capricho que mobilei assim esta casa, mas em respeito ás tradições de familia: para dispor estas coisas, conforme vêdes, em minha casa, consultei unicamente as recordações da minha infancia.

(Continúa)

KOALA OU URSO DE BOLSO

Este feio bicho pertence a um genero muito notavel da tribu dos marsupiaes, a qual descrevemos a pagina 119 do presente volume.

É do tamanho de um cão, com o pello comprido, muito denso, e côr de chocolate. Tem o andar e a figura de um urso pequeno, e por isso em linguagem zoologica se lhe chama *phascalarcto*, que quer dizer *urso de bolso*. Apesar d'estas parecenças com um animal tão pesado, o koala trepa ás arvores tão ligeiramente como se fôra um macaco.

O koala é natural das terras austraes; tem vindo para a Europa alguns casaes com o intento de acclimar estes animaes entre nós, porque a carne é boa para comer, e a pelle tem muito prestimo.

Os koalas são herbivoros e frugivoros; porém tão timidos que só ao cair da noite saem das suas tocas para procurar o sustento. Dizem que são muito intelligentes, e de facil domesticação.